

Excursão na Teologia Natural (Parte 24): O Argumento Ontológico 2/4

Seção 04 / Aula 24

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 24/09/2024, 19:15:01 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-04-20

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Mundos possíveis e o mundo atual

Da última vez, nós introduzimos o conceito de mundos possíveis para nos ajudar a entender melhor o argumento ontológico para a existência de Deus. Eu enfatizei que mundos possíveis não são nenhum tipo de objeto concreto, um planeta ou um universo. A maneira mais fácil de pensar em um mundo possível é como uma lista de proposições, um tipo de conjunção massiva: M1: $p \ \& \ q \ \& \ r \ \& \ s \ . \ . \ .$ de modo que essa conjunção massiva inclua cada proposição ou o seu oposto. Assim, ela gera uma descrição máxima da realidade. Nada fica de fora. Isso é o que é um mundo possível. É simplesmente uma espécie de descrição máxima da realidade.

A realidade poderia ter sido de maneiras diferentes. Assim, diferentes descrições gerarão diferentes mundos possíveis. Por exemplo: M2: $p \ \& \ -q \ \& \ -r \ \& \ s \ . \ . \ .$ Ou você poderia ter, então vamos rotular isso como M1, e este será M2. Aqui está o M3. Isso poderia ser, digamos: M3: $-p \ \& \ q \ \& \ r \ \& \ -s$, E M4: $-p \ \& \ -q \ \& \ -r \ \& \ s$, e assim por diante. Para que você tenha várias descrições de como o mundo poderia ter sido. A descrição que contém apenas membros de conjunção verdadeiros (isto é, a descrição cujos membros de conjunção são todos verdadeiros) será a descrição do mundo atual.

Essa será a descrição verdadeira. Esse será o mundo atual. E, assim, o que o argumento ontológico quer mostrar é que se a existência de Deus é possível, se Deus existe em um mundo possível – então ele existe em todos eles. Na última vez, alguém levantou a ideia de que talvez esses outros mundos realmente não sejam possíveis. Talvez exista apenas um mundo possível, e esse seja o mundo atual sozinho. Eu acho que isso é um erro. Mas suponha que, para o bem do argumento, concordemos que há apenas o mundo atual. Como isso afetaria o argumento ontológico? Isso significaria que o argumento ontológico não funciona se houver apenas um mundo possível?

Bem, na verdade, se você pensa que há apenas um mundo possível, o que isso realmente implica é que o argumento ontológico é mais forte ainda! Por quê? Lembre-se de que o argumento ontológico quer provar que se Deus existe em um mundo possível, então ele existe em todos eles. Se existe apenas um mundo possível, segue-se imediatamente que, se a existência de Deus é possível, então é atual, porque esse é o único mundo que existe – o mundo atual. Então, longe de invalidar o argumento ontológico, essa visão na verdade torna o argumento ontológico muito mais simples. O desafio no argumento ontológico para a pessoa que pensa que existem muitas possibilidades é como você passa do fato de que Deus existe em um mundo possível, mas não atual (como, por exemplo, M5) para existir no mundo atual?

Esse é o desafio. Como você passa da existência de Deus em algum mundo possível, mas não atual, para o mundo atual? Mas se você acha que há apenas um mundo (existe apenas o mundo atual), então esse obstáculo não se apresenta mais, certo? Então, a inferência é imediata. Se a existência de Deus é possível, então Deus realmente existe porque há apenas um mundo possível – ou seja, o mundo atual. Portanto, acredito que, se você adotar essa visão, o argumento ontológico seria muito agradável para você e seria um que você facilmente apoiaria. Agora, quando falamos de mundos possíveis, como eu disse em resposta a outra pessoa na última vez, essas várias conjunções precisam ser não apenas compossíveis (isto é, elas não precisam apenas ser possíveis juntas), mas cada uma delas individualmente precisa ser possível também.

Por exemplo, considere a proposição: "O primeiro-ministro é um número primo". Essa proposição não é nem mesmo possivelmente verdadeira. O primeiro-ministro é um objeto concreto, um ser humano de carne e osso, e, portanto, é impossível que ele pudesse ter sido um número primo. Não há como um número primo ser o primeiro-ministro. E isso significa que nenhum mundo possível incluirá essa afirmação como um de seus membros de conjunção, porque é impossível. Isso será falso em todos os mundos possíveis. É necessariamente falso. Assim, uma proposição que é necessariamente falsa será uma que é falsa em todos os mundos possíveis. Por outro lado, a proposição: "George McGovern é o Presidente dos Estados Unidos" é falsa no mundo atual.

Mas há mundos possíveis onde isso é verdade. McGovern poderia ter sido eleito Presidente dos Estados Unidos. Então, essa é uma proposição possível, e será um membro de conjunção em alguns mundos possíveis. Dizer que McGovern é o Presidente dos Estados Unidos em algum mundo possível é simplesmente dizer que há uma descrição máxima da realidade que contém essa proposição relevante como um de seus membros de conjunção. Esse não é o mundo atual (isso seria um mundo possível não atual – um mundo possível que não é atual. Um no qual esse membro de conjunção é verdadeiro). E a percepção de Leibniz sobre o argumento ontológico é que o argumento assume que a proposição "Deus existe" ou "Existe um ser que é o maior concebível" ou "Um ser perfeito existe" é possivelmente verdadeira.

Ou seja, Deus existe em algum mundo possível. Em algum mundo possível, essa afirmação, esse membro de conjunção – "Deus existe" ou "Um ser maximamente grande existe" ou "Um ser perfeito existe" – essa proposição é verdadeira em algum mundo possível. Se o conceito de Deus é incoerente ou impossível, então Deus seria como aquele primeiro-ministro que é um número primo. Seria uma impossibilidade metafísica. Ele não existiria em nenhum mundo possível. A palavra "Deus", nesse caso (se o conceito de Deus é incoerente), não se referiria a nada mais do que as palavras "um círculo quadrado" se referem a algo. Em ambos os casos, as palavras "Um ser que é o maior concebível" ou "um círculo quadrado" seriam apenas uma combinação incoerente de palavras.

Elas não se referem a nada. Como Leibniz disse, o argumento ontológico pressupõe que o conceito de Deus é um conceito coerente – é possível que Deus exista.

Excelência máxima e grandeza máxima

Na sua versão do argumento, Alvin Plantinga (cuja versão nós estamos examinando) concebe Deus como maximamente excelente em todos os mundos possíveis. Um ser que é maximamente excelente em todos os mundos possíveis. O que ele quer dizer com isso? Por excelência máxima, Plantinga entende que isso implica propriedades que conferem excelência como ser onisciente, onipotente e totalmente bom. Um ser que possui essas propriedades será mais excelente do que um ser que é limitado em conhecimento ou poder ou bondade. Então, um ser maximamente excelente será aquele que possui onipotência, onisciência e perfeição moral. Um ser que possui excelência máxima em todos os mundos possíveis possui o que Plantinga chama de grandeza máxima.

Há uma diferença entre grandeza máxima e excelência máxima. Excelência máxima é a propriedade de ser onisciente, onipotente e totalmente bom. Grandeza máxima é a propriedade de possuir excelência máxima em todos os mundos possíveis. Agora, Plantinga diz, a propriedade de grandeza máxima é possivelmente exemplificada. Ou seja, esse é um conceito coerente. Há um mundo possível no qual existe um ser maximamente grande. Mas se um ser maximamente grande existe em todos os mundos possíveis, então, se ele existe em um mundo possível, ele existe em todos eles, incluindo o mundo atual. Portanto, Deus existe. Embora Plantinga acredite que o argumento ontológico é sólido e não um argumento circular para a existência de Deus, inicialmente, ele não o considerava uma “obra bem-sucedida de teologia natural”.

Por que não? Por que isso não é uma obra bem-sucedida de teologia natural? Ele disse que é porque a premissa-chave, “Possivelmente a grandeza máxima é exemplificada”, pode ser racionalmente negada. Você pode ser racional e negar que a grandeza máxima é possivelmente exemplificada. Ou, em outras palavras, você pode ser racional e negar que é possível que um ser maximamente grande exista. Mas Plantinga posteriormente confessou que ele havia estabelecido um padrão para o “sucesso em teologia natural” de maneira irrealisticamente alta. Isso é o que ele veio a dizer depois: “Eu empreguei um padrão tradicional, mas totalmente inapropriado: Eu assumi que esses argumentos são bem-sucedidos apenas se eles partirem de proposições que forçam a concordância de todas as pessoas honestas e inteligentes e que avançam majestosamente para sua conclusão por meio de formas de argumento que só podem ser rejeitadas com risco de insinceridade ou irracionalidade.

Naturalmente, eu me juntei ao coro contemporâneo ao sustentar que nenhum dos argumentos tradicionais foi bem-sucedido. Eu não percebi que nenhum argumento filosófico de grande importância atende a esse padrão; logo, o fato de que os argumentos teístas não o fazem é de menos importância do que eu pensava.” Então, Plantinga diz que inicialmente pensava que, para ser uma obra bem-sucedida de teologia natural, esses argumentos precisavam compelir à concordância qualquer pessoa racional. Ele passou a ver que, se você sustentar esse padrão, então não há argumentos filosóficos sólidos para nada (ou não há bons argumentos filosóficos para nada). Plantinga agora acredita que “o argumento ontológico fornece boas bases para a existência de Deus tanto quanto qualquer argumento filosófico sério para qualquer conclusão filosófica importante.” George Mavrodes, que era professor de filosofia na Universidade de Western Michigan, comentou acertadamente sobre a avaliação de Plantinga: “se a teologia natural pode ser tão boa, tão boa quanto os melhores argumentos de qualquer lugar da filosofia

séria, . . . por que não apresentar esses argumentos poderosos como provas de Deus?", pode-se formular a versão de Plantinga do argumento ontológico da seguinte forma:

As premissas do argumento ontológico

Passo 1: É possível que um ser maximamente grande exista (em outras palavras, a grandeza máxima é possivelmente exemplificada). Passo 2: Se é possível que um ser maximamente grande exista, então um ser maximamente grande existe em algum mundo possível. Passo 3. Se um ser maximamente grande existe em algum mundo possível, então ele existe em todos os mundos possíveis. Passo 4. Se um ser maximamente grande existe em todos os mundos possíveis, então ele existe no mundo atual. Passo 5. Se um ser maximamente grande existe no mundo atual, então um ser maximamente grande existe. Conclusão: Portanto, um ser maximamente grande existe. Agora, você pode se surpreender ao saber que as premissas (2) a (5) desse argumento são relativamente incontroversas.

O verdadeiro ponto de controvérsia é a premissa (1), que é possível que um ser maximamente grande exista. Esta é a principal questão que precisa ser resolvida em relação à versão de Plantinga do argumento ontológico. Que justificativa existe para pensar que essa premissa-chave, "É possível que um ser maximamente grande exista", é verdadeira?

Possibilidade epistêmica e possibilidade metafísica

Ao lidar com essa questão, é muito importante mantermos firmemente em mente a diferença entre o que poderíamos chamar de possibilidade epistêmica e possibilidade metafísica.

"Epistêmica" deriva da palavra grega episteme, ou "conhecimento". Possibilidade epistêmica indica o que é possível com relação ao seu conhecimento. Assim, em resposta à premissa-chave do argumento ontológico, somos tentados a dizer: "Bem, é possível que Deus exista, e é possível que Deus não exista." Isso é verdade apenas com relação à possibilidade epistêmica. O que você está dizendo é: "Pelo que eu sei, Deus existe ou não existe. É possível com relação ao que eu sei. É epistemicamente possível. Eu não sei qual é o certo.

Pelo que sei, Deus pode ou não existir." Mas se Deus é um ser maximamente grande, então sua existência, se for metafisicamente possível, será metafisicamente necessária. Esse tipo de possibilidade tem a ver com o que é realizável ou o que é real, independentemente do que você pensa a respeito. E, no caso de Deus, sua existência será ou necessária ou impossível. Ela não pode ser meramente contingente. Não será verdade dizer que é possível que Deus exista ou é possível que ele não exista. Isso seria o mesmo que dizer que Deus existe em alguns mundos possíveis, mas não existe em outros mundos possíveis. Isso seria metafisicamente incorreto. O conceito de um ser maximamente grande é tal que ele ou existe em todos os mundos possíveis, ou não existe em nenhum deles.

Mas você não pode dizer que ele existe em alguns e não existe em outros. Deixe-me dar uma ilustração dessa diferença entre possibilidade epistêmica e possibilidade metafísica para ajudar a esclarecer o ponto. Existe uma proposição matemática conhecida como a Conjectura de Goldbach, que permanece não provada na matemática até hoje. A Conjectura de Goldbach diz que todo número par maior que 2 pode ser expresso como a soma de dois números primos. Então, pegue qualquer número par maior que 2, ele será igual à soma de dois números primos. Embora a Conjectura de Goldbach tenha sido testada em grande escala, nenhum matemático

jamais conseguiu prová-la ou refutá-la. Nós não sabemos se a Conjectura de Goldbach é verdadeira ou não.

Então, nesse sentido epistêmico, podemos dizer (epistemicamente) que a Conjectura de Goldbach pode ser verdadeira ou pode ser falsa. Nós simplesmente não sabemos qual. Mas como uma questão matemática, a Conjectura de Goldbach é ou necessariamente verdadeira ou necessariamente falsa. É necessário ou impossível que a Conjectura de Goldbach seja verdadeira. Não pode ser possivelmente verdadeira e possivelmente falsa nesse sentido metafísico. Ela é ou impossível ou necessária. Uma ou outra. Mas ela não pode ser ao mesmo tempo possivelmente verdadeira e possivelmente falsa. Ela é necessariamente verdadeira ou necessariamente falsa. Da mesma forma, embora a premissa-chave do argumento ontológico possa ser epistemicamente incerta – nós não sabemos se é possível que um ser maximamente grande exista ou não.

No entanto, a possibilidade epistêmica da premissa-chave ou da negação da premissa-chave não garante que seja metafisicamente possível. A pergunta que estamos fazendo aqui é: é metafisicamente possível que um ser maximamente grande exista? Não é se é epistemicamente possível, o que eu acredito que certamente é. Mas se é metafisicamente possível. Pense nisso, o conceito de um ser maximamente grande parece, intuitivamente falando, uma ideia coerente, e, portanto, possivelmente instanciada. A ideia de um ser que é onisciente, onipotente, totalmente bom em todos os mundos possíveis parece uma ideia perfeitamente coerente e, portanto, possivelmente instanciada. Para que o argumento ontológico falhe, o conceito de um ser maximamente grande teria que ser logicamente incoerente.

Ele teria que ser como o conceito de um solteiro casado. O conceito de um solteiro casado, quando você pensa sobre isso, não é um conceito estritamente ou explicitamente autocontraditório, como seria, por exemplo, o conceito de um homem casado solteiro. Isso seria estritamente contraditório. Mas, no entanto, quando você entende o conceito ou o significado do que é um solteiro, você pode ver que é impossível que possa haver algo correspondente a esse conceito – que esse conceito poderia ser possivelmente exemplificado ou que essa propriedade poderia ser instanciada. Por outro lado, o conceito de um ser maximamente grande não parece de forma alguma incoerente. Pelo contrário, parece perfeitamente coerente falar sobre um ser que é maximamente excelente em todos os mundos possíveis.

Isso avançaria bastante, eu acho, para justificar a primeira premissa de que é possível que um ser maximamente grande exista.

Paródias do argumento ontológico

Alguns de vocês podem estar pensando: "Mas isso não leva a um tipo de exagero ontológico?" Uma das estratégias mais importantes que os detratores do Argumento Ontológico adotam é fornecer paródias do argumento ontológico que levariam a todo tipo de absurdos que ninguém pensaria que existem. Essas paródias remontam a Guanilo, o companheiro monge de Anselmo. Vocês se lembram de que Anselmo estava se perguntando: "Por que as Escrituras dizem 'Diz o insensato no seu coração: 'Não há Deus.'" (NAA)?" Por que as Escrituras chamam o ateu de tolo? A resposta de Anselmo foi que, uma vez que você compreende corretamente o conceito ou a palavra "Deus", você pode ver que Deus deve existir.

Portanto, o tolo está dizendo algo incoerente ao dizer que Deus não existe. Guanilo, seu companheiro monge, escreveu um tratado chamado Em Defesa do Tolo, no qual ele criticou o argumento de Anselmo. A maneira como ele fez isso foi construir paródias do argumento em que você tentaria construir argumentos ontológicos paralelos para conclusões absurdas. Por exemplo, foi sugerido que você poderia provar que uma ilha mais perfeita existe dessa maneira, dizendo que uma ilha mais perfeita deve ter todas essas propriedades em todos os mundos possíveis, e isso é possível, portanto, uma ilha mais perfeita realmente existe. Ou um leão existente necessariamente, um leão que tem a propriedade de existência necessária existiria em todos os mundos possíveis, e, portanto, deve haver um leão existente necessariamente.

Esses conceitos parecem coerentes, e ainda assim levariam à postulação de entidades que ninguém aceitaria. Nos meus debates sobre a existência de Deus, alguns dos meus oponentes sugeriram, por exemplo, a ideia de uma pizza existente necessariamente, ou uma pizza mais perfeita, que seria aquela que existe em todos os mundos possíveis. Portanto, se o argumento ontológico é sólido, devemos acreditar na existência da pizza mais perfeita ou da pizza existente necessariamente. O que o defensor do argumento ontológico pode dizer em resposta a essas paródias? Bastante coisa, eu acho. Eu acho que o proponente do argumento ontológico pode plausivelmente afirmar que o conceito de Deus difere desses conceitos supostamente paralelos, como uma ilha mais perfeita, ou um leão existente necessariamente, ou uma pizza existente necessariamente, por causa do seguinte.

As propriedades que formam a excelência máxima de que Plantinga fala têm valores máximos intrínsecos. Por exemplo, onisciência é a propriedade de saber apenas e toda a verdade. Você não pode saber mais do que isso, se você souber todas as verdades que existem. Então, há um limite máximo intrínseco nessa propriedade da onisciência. Da mesma forma, para as outras propriedades, como perfeição moral e onipotência. Mas esse não é o caso de coisas como ilhas. Ilhas não têm propriedades máximas intrínsecas. Como Plantinga diz, sempre pode haver mais coqueiros e mais dançarinas nativas para melhorar a ilha. É realmente um conceito incoerente falar sobre uma ilha mais perfeita de uma maneira que não é incoerente falar sobre um ser maximamente grande.

2. Está longe de ser claro que realmente existam propriedades objetivas que conferem excelência a coisas como ilhas. Será que realmente existem propriedades objetivas que contribuem para a excelência de ilhas? Parece que não. Isso é algo muito subjetivo, dependente do gosto pessoal. Você prefere uma ilha deserta ou uma que está cheia dos melhores hotéis de resort? Depende do seu gosto qual dessas você acha que é a melhor ilha. Certo? Então, realmente não existem essas propriedades objetivas que conferem excelência às ilhas, da mesma maneira que onisciência, onipotência e bondade parecem ser propriedades que conferem grandeza objetiva. Com relação à paródia da ilha, há dois problemas – a falta de valores máximos intrínsecos e a falta de objetividade na existência de propriedades que conferem excelência às ilhas.

Quanto à ideia de algo como um leão existente necessariamente ou uma pizza existente necessariamente, isso também (quando você pensa sobre isso), eu acho, é incoerente. Pois, como um ser necessário, tal animal teria que existir em todos os mundos possíveis que podemos conceber. Mas qualquer animal que existisse em um mundo possível no qual o universo fosse composto de uma única singularidade de espaço-tempo infinitamente densa

simplesmente não seria um leão. Isso não é o que você entende por leão. Da mesma forma, isso também não seria uma pizza. Por outro lado, um ser maximamente excelente poderia ser imaterial e, portanto, transcender as limitações físicas de espaço e tempo, e, assim, poderia existir necessariamente.

Ele poderia existir em um mundo possível no qual o universo fosse uma singularidade espaço-temporal. A menos que você pense que uma pizza, por exemplo, poderia ser imaterial, isso não seria muito satisfatório, seria? Não saciaria sua fome. Uma pizza é algo que você pode comer, e você não pode comer um objeto imaterial. Novamente, a ideia de uma pizza existente necessariamente ou de um leão existente necessariamente ao ser analisada mais de perto, realmente se revela incoerente e, portanto, não existe em outros mundos possíveis.

Grandeza quase-máxima

Agora, talvez o maior desafio à apelação às nossas intuições para justificar a premissa (1) (e, por apelação à intuição, o que eu quero dizer é que simplesmente parece claro que é possível que a grandeza máxima seja exemplificada. Isso parece coerente para nós. Isso parece uma ideia coerente, e, portanto, uma que é possivelmente exemplificada.) O maior desafio a essa apelação, eu acho, seria dizer que é intuitivamente coerente da mesma maneira conceber o que poderíamos chamar de um ser quase-maximamente grande. Ou seja, um ser que, em todos os outros aspectos, é maximamente excelente, exceto que, em uma dessas propriedades que conferem excelência, ele é um pouco deficiente.

Por exemplo, imagine um ser que é moralmente perfeito, onipotente, mas que não é totalmente onisciente porque não conhece contingentes futuros. Esse seria o Deus do teísmo aberto, que conhece todas as proposições do passado e do presente, mas não conhece o valor de verdade de proposições futuras sobre eventos contingentes. Por que a premissa do argumento ontológico é mais plausível do que um argumento paralelo que diz que é possível que exista um ser quase-maximamente grande? Se estamos justificados em pensar que um ser maximamente grande existe, não estaríamos igualmente justificados em pensar que é possível que exista um ser quase-maximamente grande? Se você pensar isso, então terá que pensar que tal ser realmente existe.

Isso não negaria a existência de Deus, por assim dizer, mas significaria que, além do ser maximamente grande, você povoaria o mundo com vários seres quase-maximamente grandes. Isso seria certamente implausível e indesejável. Se a premissa-chave do argumento ontológico for possível ou for verdadeira, não seria também verdade que é possível que exista um ser quase-maximamente grande? Bem, não tenho tanta certeza. Acredito que não, porque a grandeza máxima, quero argumentar, é logicamente incompatível com a grandeza quase-máxima. Pense nisso. Um ser maximamente grande é, por definição, um ser onipotente. Ele é todo-poderoso. Isso faz parte do que constitui a grandeza máxima. Então, nenhum objeto concreto poderia existir independentemente de seu poder criativo.

Como um ser onipotente, um ser maximamente grande teria que ter o poder de se abster livremente de criar qualquer coisa. Portanto, deve haver mundos possíveis nos quais nada além do ser maximamente grande exista. Mas isso implica que, se a grandeza máxima é possivelmente exemplificada, então a grandeza quase-máxima não é. Pode haver seres quase-excelentes em muitos mundos, mundos em que o ser maximamente grande escolheu

criar seres quase-excelentes. Talvez eles fossem como anjos, que seriam seres sobrenaturais, sobre-humanos, mas não como Deus. Mas esses seres não teriam existência necessária. Eles seriam criados pelo ser maximamente grande, e, portanto, não seriam quase-maximamente grandes. Eles poderiam ser quase-excelentes, mas não seriam quase-maximamente grandes, porque eles não existiriam em todos os mundos possíveis.

Portanto, se a grandeza máxima é possivelmente exemplificada, o que acredito ser intuitivo, isso significa que a grandeza quase-máxima na verdade se revela impossível, porque um ser quase-maximamente grande seria um ser que possui existência necessária e, portanto, existiria em todos os mundos possíveis. Ele estaria além do poder onipotente do ser maximamente grande. Portanto, nossa intuição de que um ser maximamente grande é possível não é minada pela afirmação de que a grandeza quase-máxima também é intuitivamente possível, porque a última intuição, a intuição de que a grandeza quase-máxima é exemplificada, depende da suposição de que um ser maximamente grande não pode existir. E isso seria um raciocínio circular.

Enquanto a grandeza máxima for possível, então segue-se que a grandeza quase-máxima não é possível. Ainda assim, céticos podem insistir que não temos como saber a priori, ou de antemão, se é a grandeza máxima ou a grandeza quase-máxima que é possivelmente exemplificada. O argumento que acabei de apresentar mostra que não podem ser as duas. Não é possível ter tanto um ser maximamente grande quanto um ser quase-maximamente grande. Eles seriam incompatíveis um com o outro, porque um escaparia da onipotência do outro. Portanto, não podem coexistir. Mas o cético pode argumentar que não sabemos se algum dos dois é possível. Nossas intuições sobre a modalidade são guias pouco confiáveis.

Eu acredito que podemos dizer aqui que a intuição de que um ser maximamente grande existe prevalece sobre qualquer intuição que possamos ter de que a grandeza quase-máxima é possivelmente exemplificada. Você só chega à ideia de grandeza quase-máxima subtraindo algo do conceito de grandeza máxima. De certo modo, é um conceito parasitário do conceito de grandeza máxima. Se a grandeza quase-máxima parece possível, quanto mais a grandeza máxima pareceria possível. Isso daria uma razão para pensar que a prioridade deve ser dada à grandeza máxima e não à grandeza quase-máxima.

Considerações adicionais e encerramento

Mas poderíamos dizer algo mais em defesa da premissa-chave do argumento ontológico? Podemos dizer algo mais do que meras intuições modais – que parece intuitivo que este é um conceito coerente? Plantinga, eu acho, nos dá uma pista quando diz que, se ponderarmos cuidadosamente a premissa-chave e a objeção feita a ela, se “considerarmos suas conexões com outras proposições que aceitamos ou rejeitamos e ainda assim a acharmos convincente, então estamos no nosso direito de aceitá-la.” Essa é uma história muito diferente da especulação puramente a priori que o cético denuncia. Mesmo que você não consiga determinar a priori (ou seja, de antemão) se a grandeza máxima é possivelmente exemplificada, o que Plantinga sugere é que poderíamos vir a acreditar que é possível que um ser maximamente grande exista com base em considerações a posteriori.

Ou seja, com base em evidências e argumentos independentes de nossas intuições modais. E, então, o que eu quero fazer na próxima vez é examinar algumas dessas considerações que

poderiam dar apoio às nossas intuições modais de que a grandeza máxima é de fato um conceito coerente. Se for esse o caso, então a base para afirmar a premissa (1) não será simplesmente nossas intuições modais de que este é um conceito ou ideia coerente, mas que também temos algumas razões adicionais para acreditar que a premissa (1) é verdadeira. Muito bem. Isso nos leva ao fim do nosso tempo. Teremos tempo para discutir essas considerações antes de começarmos. E, na nossa próxima aula, na próxima semana, David Sherrill vai ensinar no meu lugar, pois estarei na Arizona State University.

E acho que isso será muito interessante, sempre apreciamos as coisas que David tem a compartilhar. Bem, vamos encerrar com uma oração. Pai, obrigado pela oportunidade de estarmos juntos nesta manhã e de considerarmos essas questões. Oramos, Senhor, enquanto refletimos sobre elas, e, ponderamos sobre elas, que aumentes nossa compreensão da tua grandeza e de quem tu és. E, assim, possamos ter mais confiança na tua soberana direção em nossas vidas durante a semana. Em nome de Cristo oramos. Amém.

Referências

Alvin Plantinga, *Warranted Christian Belief* (New York: Oxford University Press, 2000), p. 69.

Alvin Plantinga, "Reason and Belief in God", typescript dated October 1981, pp. 18-19. Nota da publicação original: este parágrafo foi omitido inadvertidamente da versão publicada do ensaio, de modo que a referência de Mavrodes ficou sem referente. Um parágrafo quase idêntico consta de Alvin Plantinga, "Self-Profile", em Alvin Plantinga, org. James E. Tomberlin e Peter van Inwagen, *Profiles* 5 (Dordrecht: D. Reidel, 1985), p. 71.

George Mavrodes, "Jerusalem and Athens Revisited", em *Faith and Rationality*, org. A. Plantinga e N. Wolterstorff (Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 1983), pp. 205-206.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-exkursus-on-natural-theology/exkursus-on-natural-theology-part-24>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-24/>